

Você disse “binário”?

Pascale Bélot-Fourcade

Marc Caumel de Sauvejunte, que faleceu há alguns meses de Covid, nos lembrava, na época das jornadas organizadas por Jean-Paul Hiltenbrand sobre o narcisismo, que estamos em um processo de “des-civilização” que não tem nome, uma vez que podemos prescindir do nome numa ideologia da diversidade, ela mesma às voltas com o seu contrário, implícito na ideia de igualdade: não numa igualdade significativa, mas numa igualdade infinita de significados, sem o suporte dos significantes. Vejam só a salada. Trata-se de dar conta de um deslocamento do real em direção a um real da individualidade, um real que não está mais na função de suporte do simbólico, mas um real da individualidade necessariamente selvagem? Eu gostaria, desde já, de chamar a atenção de vocês para o fato de que isso nos faz mudar quanto à ideia de um retorno do matriarcado, a que se entregam os senhores analistas, mais do que as senhoras, aparentemente.

Marc dizia também que Simone de Beauvoir fez surgir, da sua recusa a se fazer o Grande Outro de um homem, o segundo sexo. A fórmula me agradou. Então, quando Roland Chemama me propôs, muito gentilmente, intervir neste Seminário “Retorno do porrete”, eu lhe disse que poderia falar sobre “A asneira do binário”. Chegamos a um acordo quanto ao título “Atualidade do binário”. O que está em questão é que, hoje, os promotores do gênero denunciam a binariedade ultrapassada da ordem patriarcal em geral e dos analistas em particular. Abordar as questões do gênero e da binariedade conduz rapidamente a nos espantarmos com a imprecisão mantida em torno desses conceitos utilizados a torto e a direito nos inumeráveis debates da ideia que os mobiliza. Compreendê-lo requer fazer uma retomada histórica, lembrando como a noção de “French Theory” foi forjada nos anos 70 nos Estados Unidos. Para o detalhamento dessa questão, remeto ao livro de François Cusset, *French Theory*, lançado em 2003, e também às publicações recentes de Elisabeth Roudinesco, *Soi-même comme un roi*, de Eric Marty, *Le sexe des modernes*, e de Anne Emmanuelle Berger, *Le grande théâtre du genre*.

Sem entrar em detalhes na história, eu lembraria simplesmente que tudo parte do deslumbramento suscitado do outro lado do Atlântico pelo ensino e pelas publicações, de Lacan, não muito; de Deleuze, um pouco e, sobretudo, de Barthes, Derrida e Foucault, culminando na realização, de 18 a 21 de outubro de 1966, na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, de um imenso simpósio com uma centena de intervenções, das quais as mais

procuradas eram aquelas dos franceses. Lembro, de passagem, que Derrida ali encontra Lacan pela primeira vez, que ficará, como Freud, um tanto emocionado. E, uma vez que esperam que fale do retorno do porrete, eu sublinho o efeito paradoxal desse colóquio que, para os franceses, fez surgir divergências fundamentais. Derrida, por exemplo, desenvolvendo aí sua ideia de “disrupção contemporânea da estrutura centralizada”, seu conceito de “jogo”, do qual os tradutores, com seu *freeplay*, queimaram as pestanas para dar conta da dimensão da ironia e da margem de manobra, e a famosa noção de “desconstrução”, que fará sucesso rapidamente.

Os conceitos e fórmulas adiantados por Derrida ou Foucault se tornarão logo canônicos nos Estados Unidos, de Johns Hopkins a Yale ou Cornell. Do lado americano, é o inverso, já que reúne, sob uma única denominação de French Theory, as posições bastante heterogêneas dos convidados franceses: o que atesta, desde logo, a superficialidade com a qual serão tratadas as teorias de cada um deles. Ora, esse agrupamento superficial terá como efeito estruturar, nos Estados Unidos, uma querela encarniçada entre adeptos da French Theory e adeptos de uma cultura inteiramente consagrada às leis do mercado.

Não se deve esquecer que os grandes empresários da indústria nos Estados Unidos têm um domínio forte sobre um sistema universitário marcado por uma ideologia empresarial. Não se deve subestimar a violência dos confrontos ligados a uma polarização do debate (alguns de vocês se lembrarão do que chamamos o efeito Sokal), enquanto a French Theory recobre um amálgama de objetos textuais e discursivos mal identificados, mas retomados em coro por milhares de consumidores, conferindo-lhes um valor de uso político e militante inesperado e, sobretudo, especificamente americano, totalmente descontextualizados (Edward Saïd as chamava de teorias viajantes) e recontextualizados em um ambiente totalmente orientado pelas questões de raça, de minorias ou de um feminismo especificamente marcado pelo contexto lésbico das universidades americanas, mesmo se as contribuições ulteriores de certos franceses (Derrida e Foucault em particular) transformados em vedetes americanas (é o caso de dizê-lo!...) alimentassem ainda essa propensão à palavra de ordem, preconizando particularmente uma desconstrução radical do dispositivo da sexualidade.

Da leitura enviesada dos textos, surgirão as novas palavras de ordem dos anos 80, à base de conceitos *ready made* ou *passé partout*, como nos diz Eric Marty. Acerca dessa aparente superficialidade, alguns, como Judith Butler, que se autoriza tanto de Derrida ou Foucault quanto de Lacan, não a escondem, mas, ao contrário, reivindicam o seu caráter fecundo e criativo. Mas, antes de ir mais longe, gostaria de retornar a outra dimensão

importante, já observada a respeito dos conceitos adiantados por Derrida, na origem dessa confusão mantida sobre as noções utilizadas tanto pelos defensores, como, aliás, pelos opositores das teorias sexuais modernas exportadas dos Estados Unidos. Não esqueçamos o ódio antisssexual que a psicanálise suscitou durante a primeira metade do século XX e que é, ao mesmo tempo, o sintoma de seu progresso efetivo e da emancipação da qual ela é portadora. Podemos, na atualidade, situar que, no que concerne à emancipação, os americanos foram um pouco mais longe: primeiro retorno do porrete! Mas em direção a quê?

“É mantendo uma parte intraduzível disso que os *gender* ocupam os espíritos”, escreve Eric Marty. Eu retornarei mais uma vez, pois já tive a ocasião de fazê-lo, ao livro de Anne Emmanuelle Berger: é uma mulher completamente bilíngue que frequentou a Universidade de Cornell nos EUA e, na França, no seio do novo Instituto do gênero CNRS, exerce a função de docente. Ao escrever que “a língua nos passa a perna”, ela nos convida ao ponto exato, ali onde é preciso escutar, pois, em toda essa história do gênero e da diferença sexual, a língua nos embarca em distorções de sentido que invalidam a ideia de uma compreensão livre que poderíamos ter.

No seu livro, portanto, A. E. Berger denuncia os problemas de tradução como aqueles que estão na origem de muitas ambiguidades, a começar por aquela que nos interessa essencialmente, a saber, a noção de “diferença sexual”, compreendida nos EUA como diferença das sexualidades. Isso é atestado por um debate entre Judith Butler e Gayle Rubin, citado por Emmanuelle Berger, precisando que seria difícil encontrar uma tradução idiomática para sustentar a distinção entre “diferença dos sexos” e “diferença sexual” em inglês. “Para designar a diferença dos sexos, diz ela, pode-se apostar que empregariamos espontaneamente a expressão ‘*gender difference*’”. Isso teve como efeito, politicamente pelo menos, a emancipação das sexualidades nos EUA pelo viés da emergência do gênero. A dificuldade é a mesma, de forma equivalente, para as noções populares como *gay* ou *straight*, como outras menos conhecidas do grande público como *performance* ou *empowerment*...¹.

Portanto, devemos nos debruçar sobre a leitura dos inumeráveis textos que debatem as questões de sexo, de binariedade, de gênero e de derivados como transgênero, cisgênero, etc., sem perder de vista essas dificuldades de tradução. Vamos nos deter, então, sobre a noção de gênero, cuja própria definição já é geradora de dificuldade. O gênero é uma invenção muito americana: ele é parte do retorno do porrete? Vocês sabem que a noção de gênero foi trazida à luz pelas mulheres nos EUA e, em particular pelas lésbicas, nas universidades. O gênero é

¹ A autora se refere à situação na França. No Brasil, o termo *empoderamento* é amplamente utilizado. [N. do T.]

hoje causa de um grande mal-entendido: ele substitui o sexo ou não? Aqui na França, substituímos facilmente *sexo* por *gênero*, a ponto de pensar como o prefeito ecologista de Reims, ao implementar um *budget* extremamente gênero binário, igualmente distribuído entre homens e mulheres.

Nos EUA, a teoria do gênero é mais focada sobre a desconstrução: enquanto estereótipo, é preciso também desconstruí-lo por um ativismo militante e práticas sexuais. Os autores do *gender*, palavra introduzida por Butler, se posicionam sobre uma recusa: a negação e a anulação da oposição Masculino/Feminino da diferença sexual que contrasta com uma possibilidade de proliferação sem limite das possibilidades do gênero que se fundam sobre a prática sexual.

Monique Wittig é francesa. Ela própria dirá que o que ela trouxe acerca do pensamento *straight* é um intraduzível. *Straight* é traduzido em francês como *hétéronormé* [heteronormativizado], enquanto, em inglês, ele tem um sentido moral que não se apresenta na tradução francesa. É uma mulher interessante, pois ela é orientada pela questão da língua. É uma boa escritora, por outro lado. Ela era militante do MLF [*Mouvement de Libération des Femmes*], próxima de Antoinette Fouque. Partiu para os EUA porque achava que o feminismo francês era “um feminismo de boa esposa”, e que ela não podia ser entendida na França. Ela passou a ensinar em Berkeley, Califórnia, e publicou então *La pensée straight* [*O pensamento straight*].

Seu radicalismo é interessante. “As lésbicas não são mulheres”, diz ela, por exemplo. Há para ela um pensamento *straight* que marcou toda uma tradição ocidental, fundado sobre a escravidão das mulheres, “escravas dos homens e escravas delas mesmas, que são exploradas como mercadorias”. Haveria, portanto, um modo de pensamento autoritário que reduziria ao silêncio aquelas e aqueles que não se definem como heterossexuais. É preciso, portanto, destruir política, filosófica e simbolicamente as categorias homens/mulheres, pois é a opressão que cria o sexo, e não o inverso. Nós nos situamos seja como oprimido, seja como opressor, nas relações que estabelecemos com o outro. Não nascemos mulher, diz ela, no prolongamento de Simone de Beauvoir, salvo que não devemos consentir em tornar-se: devemos destruir o mito de “A mulher”. O casamento, é claro, deve ser suprimido, pois conduz a uma submissão à dominação masculina. As mulheres foram destinadas pela civilização a serem “seres para outrem, seres do lado do em si, privados de uma verdadeira liberdade, privados de uma relação ao nada como lugar ontológico da liberdade, coisificadas pela civilização”. Objetificadas pelos homens, as mulheres são impedidas de serem sujeitos

para elas mesmas. Não é o mito que deve ser desconstruído, é a categoria de Mulher que deve desaparecer: é preciso notar que é uma mulher muito lógica que atua o verdadeiro feminicídio.

Mas ela rejeita também o inconsciente, uma vez que a língua é heterossexual e fala homem/mulher, poderíamos dizer. Uma vez que o mundo de amanhã não comporta nem homem nem mulher, ele não deve contar com o inconsciente. A mulher é uma categoria alienada, uma realidade política que não pode ser originária numa reflexão sobre o gênero. Se, historicamente, são as mulheres que estão na origem dos *genders*, é a partir do ativismo lésbico, no qual Michel Foucault confia, que a teoria do gênero se estrutura. A utopia de Monique Wittig consiste, portanto, em conceber um ser sem o gênero, um ser neutro, assexuado, que não encontra mais essa divisão que produz a sexualidade no coração da existência.

Para Judith Butler, a noção de gênero é totalmente diferente, como sublinha Clotilde Leguil: para Butler, o gênero é um fato sociológico que tende a congelar as práticas sexuais nos papéis hierarquizados e fixados pela moral e pela política. Portanto é preciso desconstruí-las e desfazê-las sem cessar, em particular pela sua multiplicação: a *agency*, potência de agir que cada indivíduo recebe, define em uma ideia comportamentalista o indivíduo como empreendedor de si. Não há sujeito em Judith Butler, mas uma interação entre os indivíduos e o espaço social. O gênero não é uma dimensão simbólica, essa dimensão foi evacuada sob a modalidade do gozo e da recusa do arbitrário do significante. Butler sublinha e recusa as injunções ditas de atribuição simbólica como “boa mãe”, “boa esposa”, etc. Estamos no comportamentalismo.

Não é senão pelos disfuncionamentos manifestos que o gênero se esboroa e pode variar. A identidade de gênero não tem outra realidade senão social, há uma erosão do íntimo, isso que o sexo trilhava com o inconsciente. A referência ao sujeito torna-se, portanto, obsoleta. Assim, ela retoma, por sua conta, a empresa do gênero para impor, no lugar do ser, os atos corporais subversivos que introduzirão “o problema no gênero”. A paródia tem, portanto, elementos políticos e permite mostrar que não existe ser homem e ser mulher. A questão do sexo, se entendemos bem, é, portanto, reduzida a uma questão do jogo semiológico do qual a *drag queen* é o emblema.

As leituras de Judith Butler, de Gayle Rubin, antropóloga, e do seu diálogo, estão longe de ser desinteressantes e marcam justamente a instabilidade aparente da expressão “diferença dos sexos”, que não possui a mesma consistência por toda parte. Judith Butler

deixa em suspenso os enigmas da tradução. Sobre a questão da diferença dos sexos, ela sugere deixá-la “aberta, fecunda e não resolvida”. Butler é uma filósofa inteligente e pertinente; ela anuncia publicamente que é *queer* e promove esse performativo, que não cessa de gerar discussão na França e na Europa. Charles Melman dizia muito justamente, a respeito desse tema, que o performativo é a língua da injunção alucinatória e sem terceiro.

Judith Butler se interroga sobre a desarticulação da relação da linguagem ao seu lugar de emissão: “Qual linguagem que eu falo quando emprego a palavra sexo hoje em francês?” Ela se situa sobre dois planos: ser americana, mas de formação filosófica europeia, e numa relação às línguas europeias em geral, à língua alemã em particular e no que diz respeito ao judaísmo. Perdida na diferença das línguas, ela parece ter dificuldade em se situar na diferença dos sexos. O gênero seria seu *sinthome*? Nos dias de hoje, os sociolinguistas constataam que falamos doravante inglês ao falar sexo em francês. A língua inglesa, nos diz E. Berger, não reenvia mais ela mesma à unidade de um lugar e de uma cultura. Ela é o lugar paradoxal e a vivência dessa desarticulação generalizada. Em certas idas e voltas semânticas que alguns poderiam crer fúteis, que, parodiando Freud, poderiam ser qualificadas de transmissão equivalente da peste, os assuntos de gênero vão de vento em popa, eles se desenvolvem na atualidade, sob a forma de uma denúncia da psicanálise, que deveria, não somente segundo seus detratores, mas também segundo os analistas que se dizem “modernos”, rever os seus fundamentos.

Como dublê dessas ideias que se pretendem emancipatórias, é importante ter em mente que o desenvolvimento, na mesma época, de novas tecnologias médicas no planeta e a capacidade de intervir diretamente sobre os corpos favoreceram a ideia de uma autonomização possível do gênero sobre o sexo. É curioso, a respeito disso, o caso Money, o psiquiatra da Johns Hopkins que, no século passado, acompanhando um caso de circuncisão malsucedida de um menino pequeno gêmeo, sustentou que ele deveria ser transformado em menina, afirmando que uma educação conforme esse gênero solucionaria muito bem a questão, o que na verdade conduziu ao suicídio esse menino que, ao se tornar adolescente, queria ser homem, e provocou um surto delirante no seu gêmeo; esse caso, entretanto, não teve mais eco na opinião pública e não levou mais a refletir sobre a oportunidade desse tipo de intervenção.

Money era um porra-louca, e Jean-François Braunstein, no seu livro *La philosophie devenue folle*, fala muito bem sobre isso, eu não insistirei, portanto, a respeito disso. Porém a lição é atual: devemos retomá-la muitas vezes quando formos retalhar o corpo sadio de uma

criança. A respeito desse atentado, eu não sei em qual registro devemos pôr essa máxima, se no registro da ética de um médico, de um psicanalista, de um cidadão ou de um sujeito dividido. As ambiguidades sexuais que sempre existiram (cf. o *Cavaleiro de Eon*²) puderam então encontrar uma solução no real por meio das operações cirúrgicas e a administração de hormônios. Stoller, curiosamente, demonstrou que o gênero podia não corresponder de forma alguma ao sexo anatômico e que, graças à medicina, se poderia aceder ao sexo de sua escolha. Como o sublinha Nicole Kress Rosen, ele mesmo não era muito favorável às intervenções, uma vez que havia observado que as consequências não são tão idílicas, e que os transexuais continuam, após essas intervenções, com a sua busca em direção a outras aventuras.

A partir desse momento, elaborou-se essa ideia extraordinária, anunciada exatamente assim nos programas para o grande público, como o famoso filme *Petite Fille*, de que pode haver um “corpo mau” em relação a um mental, que seria o verdadeiro. Creio que é certo que o interesse mundial da psiquiatria sobre o transexualismo deu lugar a uma revisão completa da representação do corpo nas sociedades ocidentais, e a uma expansão das teorias mundiais sobre o sexo e o corpo. Nenhuma, todavia, reteve o que Lacan dizia sobre o gênero, que homem e mulher são significantes e que o destino dos seres falantes é se repartir em homens e mulheres: “[...] o que define o homem é sua relação com a mulher, e vice-versa [...] Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem [...]. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é”³.

Houve, portanto, a adoção de uma teoria essencialista, aquela do corpo mau que deveríamos paradoxalmente desmedicalizar e desjudicializar (é a demanda dos LGBT), o que é de todo modo muito forte quando se sabe que, sem o apoio permanente da medicina, o corpo transexual não se sustenta: mas trata-se de dizer hoje que o transgênero é normal porque ele reconciliou o corpo e o mental, o que resta a ser provado, e que – pode-se dizer entre nós – não é dado efetivamente a todo mundo: seríamos, portanto, normalmente anormais, o que aceitamos muito bem!

² Charles-Geneviève-Louis-Auguste-André-Timothée-Robert-Pierre d’Eon de Beaumont (1728-1810), nascido em uma família da nobreza empobrecida, se consagrou pela sua inteligência e foi nomeado pelo rei Luís XV como membro do *Secret du Roi*, o departamento de inteligência da época. Exerceu a função de espião na Rússia e foi embaixador interino em Londres, entre outros cargos. Viveu 49 anos como homem e 34 anos como mulher. No final da sua vida, para ter direito a uma pensão, concordou em usar vestes femininas. Após a sua morte, o médico que o examinou constatou a presença de órgãos masculinos, ao mesmo tempo que características femininas, como seios. [N. do T.]

³ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 30-31.

Eu lembraria que, nas posturas médicas e hoje, para a EBM⁴, que não é impossível – e eu insistiria neste ponto –, a ideia de tratamento e esta hipótese psíquica de um corpo mau que se trataria por meios hormonais e intervencionistas não deixam de ocasionar desastres. A ideia de uma sobre-humanidade é inerente à medicina moderna e impulsiona esse “*doping para ser*”, título que eu havia adiantado anteriormente a respeito de Paul, também conhecido como Beatriz, Preciado, para foracluir a falta-a-ser, ignorando que é o corpo da linguagem que faz o corpo no sentido ordinário.

Não nos surpreenderíamos, como lembrava Bernard Vandermersch, que essa visão de um corpo que não é fabricado senão por signos seja fundado sobre a recusa do inconsciente, que é efeito da incorporação da linguagem. Essa visão do íntimo é oposta à ideia de subjetividade, que é suspeita de perpetuar a alienação. O empreendedor de si não tem inconsciente e deve realizar seu potencial por meio da atualização de *performances* (no sentido americano de mostraçã) sexuais engenhosas que lhe permitem ser plenamente ele mesmo.

Podemos compreender, então, que o travestimento, o jogo semiológico pode chegar ao infinito sem ponto fixo, no desconhecimento ou na denegação, com uma possibilidade de proliferação sem limite das possibilidades de gêneros que se fundam sobre as possibilidades que a prática sexual fornece. O gênero aparece, assim, como uma extensão imaginária desatrelada do simbólico. Em todas essas teorias e derivas identitárias, podemos ler o nivelamento da questão do inconsciente e da alteridade, e a banalização da questão da identidade: esquecemos, com efeito, que o sujeito não é uma identidade, mas uma questão sobre a identidade, que implica a significância, ou seja, uma relação com a linguagem.

Se esses movimentos americanos de emancipação tentaram se libertar do moralismo da ideologia da sociedade americana e lutar por um reconhecimento, eles foram arrastados na desconstrução do *logos*, e, como diz Eric Marty: “a teoria do gênero se encontra prisioneira dela própria, porque um mundo de gênero reproduz sem cessar uma binariedade ao querer exorcizar a língua para retirar o demônio do patriarcado”. Ao querer se libertar dos efeitos da linguagem, eles pretenderiam assim responder à maldição do sexo, que adianta que, no inconsciente, não há nenhuma harmonia prévia entre o homem e a mulher.

Ora, é essa própria discordância que constitui o inconsciente. O segredo disso, escreve Marc Darmon, Lacan o designou como a ausência da relação sexual. O homem e a mulher são significantes, são semblantes, e não há possibilidade de inscrição de uma relação sexual,

⁴ A autora parece se referir à sigla em inglês de *Evidence-based medicine* (Medicina baseada em evidência – MBE). [N.R.]

mesmo se os homens e as mulheres continuem a tê-la. Freud já dizia: “Quem quer que prometa à humanidade libertá-la das dificuldades do sexo, nós o deixaremos falar, não importa qual asneira ele soletre.”! Esses movimentos tampouco leram Lacan (o *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*, além disso, só foi traduzido muito tarde e pararam de ler Lacan além do Atlântico).

Eles tentaram sair do assujeitamento (ou seja, uma inscrição e não uma atribuição, como o denuncia o catecismo LGBT) à linguagem e foram projetados numa imaginarização, para recuperar aí um pouco de identidade, confundindo, no desprezo e na ignorância, o ser imaginário que eles próprios fabricam e qualquer um que lhes parecesse confundir-se com isso. Nessa “tirania do narcisismo” (Lacan), eles buscaram necessariamente se encontrar na imagem e se dopar no especular. Sobre essa falha de uma identidade simbólica e de certa fixidez que ela permite, mas que é considerada como alienante, foram desenvolvidas identificações imaginárias ao infinito sobre o fundo de paranoia da qual a psicanálise paga o preço.

Charles Melman, em um texto de 1990 sobre os quatro componentes da identidade, observa a propensão paranoica incluída na identidade imaginária: a ambivalência está aí: persigamos a psicanálise, ela nos persegue. É preciso “desbinarizá-la”, diz Preciado em *Je suis un monstre qui vous parle* [Eu sou um monstro que lhes fala]. Escutemos agora o jogo de palavras! Essa busca não compreendida do ser, infinita, vai, é claro, além do recalçamento primordial, além do falo que pode ainda assim bordejar o furo da linguagem, conferindo-lhe um referente ponto fixo. Mas seria, então, advinda uma significação sexual que se deveria recusar a todo custo. Então, é escolhida a “denegação de nomear”, como dizia Etienne Holdenove. Trata-se de não se escrever, mas de se deslocar fluidamente.

Podemos encontrar um equivalente da disforia de gênero na história, o TDAH⁵. Ambos conduzem ao *doping*. Nossos colegas da EPEP⁶ denunciam, em um livro intitulado *A criança agitada*, a falsidade dessa clínica. O TDAH, como a disforia de gênero, não é um sintoma unificado: ele recobre entidades muito diversas, e sua singularidade não se sustenta senão na ejeção da subjetividade do sujeito, de sua história e de sua palavra. Ele não se sustenta senão pela singularidade da promessa médica que, associada à promoção de um individualismo frenético, está na origem do crescimento rápido atual da demanda.

Na disforia, a demanda dos clínicos do DSM, que se apresentam para alguns sob a designação de “psicólogos trans” (em um artigo publicado no *Journal Marianne*), de se apoiar

⁵ TDAH = Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade [N. do T.]

⁶ EPEP = Évaluation des Pratiques Éducatives Parentales [N. do T.]

sobre “a autodeterminação da criança”, é para mim um pensamento absolutamente louco, pois ele ilustra bem isso que é uma tentativa de foracluir o sujeito e sua história. A questão é difícil, porque não existe unidade dessa entidade: em particular, a questão da psicose excluída na unificação “disforia de gênero” complexifica radicalmente esse pseudosintoma. Existem transexuais precoces, muito raros, mas, para muitos, essas convicções desaparecem na puberdade. Eu apontaria, no entanto, uma discordância na escuta dos terapeutas no filme *Petite Fille*: o crédito dado à mãe quando ela diz que o menino quer ser uma menina, e o descrédito quando ela diz “eu queria ter uma filha”. É claro, é esse acolhimento discordante que cria o problema contido no gênero e que se orienta por um simples dito na direção de uma transição.

Da mesma forma, o imediatismo de uma resposta dada ao enunciado da demanda de reconhecimento da disforia de gênero se alinharia, para mim, na mesma loucura. Eu me recordo de uma paciente anoréxica que me pediu para pesar 0 kg!... Os desenvolvimentos dessas criações sintomáticas do DSM já evoluíram de forma paralela: o TDAH está em via de refluir nos EUA de tanto que ele multiplicou a toxicomania, e a disforia já começa, na Inglaterra, com o caso Keira Bell, e na Suécia, a reverter em des-transições. Somos obrigados a constatar hoje o que já se passou com o TDAH, ou seja, uma segmentação de saberes: de um lado, os psicanalistas e, de outro, os praticantes prontos a fornecer o consumo pelo *dopping*.

Em um paralelismo da divisão dos gozos entre um gozo sexual, seja o gozo padrão, o gozo de referência e os novos gozos, os gozos científicos, sejam aqueles das drogas que fornecem artifícios, eu insisto sobre este termo – sem limite. São, efetivamente, promessas fornecidas a esses transbordamentos de gozo no social, que os renovam e amplificam. Os tratamentos estabelecem a concorrência entre o gozo científico, aquele proporcionado pelas drogas e pelos hormônios, e o gozo fálico, aquele do *falasser*, que é, aliás, extracorpo, enquanto o gozo científico é um gozo do corpo e, eu diria mesmo, corpo a corpo com a droga em um certo desaparecimento do sujeito (Freud falava do retalhamento do sujeito a propósito da droga). Eu sempre disse, aliás, que o álcool é mais forte que a palavra, o que surgiu de uma rede, o “bistrô de alcoologia”, que tínhamos implementado com um amigo médico. Quem ganhará? Coloca-se a questão: a psicanálise deve ajudar essa clínica DSM em colaboração com pacientes de gênero ditos *doentes-experts*, aqueles mesmos que fizeram a transição e podem constituir modelo na constituição de uma identidade totalmente medicalizada? Na época do TDAH, havia uma estrita concorrência, hoje, por que esses mesmos clínicos apelam

para a colaboração, na continuidade da instrumentalização da medicina e, agora, da psicanálise?

Os sintomas, é claro, afluem, se desenvolvem. As disforias se desenvolvem, ao mesmo tempo, pelo ativismo de gênero e pela promessa de uma emancipação sedutora da qual a ciência faz parte. Há quem chame isso de libertação. Podemos constatá-lo: a transição é um significante da moda: fala-se, por exemplo, de transição ecológica. Observamos também o deslumbramento das meninas pela transição enquanto na época do transexualismo, que foi abordado por Marcel Czermak e pela *Association Lacanienne Internationale*, a demanda era, majoritariamente, “macho para fêmea”, como se diz hoje. Acerca desse tema, tive uma ideia pessoal, que vocês me escutaram repetir há algum tempo, quando falava da delinquência no feminino e das mulheres que são levadas mais facilmente à libertação por uma desigualdade estrutural da sua posição e pelas dificuldades identificatórias que elas possam experimentar.

Não esqueçamos que não existe “A Mulher” que poderia inscrever a relação sexual. O deslumbramento atual seria semelhante ao que se passou em Saint Cyr: o sacrifício e um mais-de-gozar. Evidentemente, os serviços concernidos à disforia do gênero, esta nova denominação que faz furor, difundida em todas as escolas, nas jornadas dos liceus, nos *sites*, são perturbados pela demanda exponencial que evidentemente os ultrapassa. Podemos acrescentar as anorexias que os expõem (cf. *Le Monde* de 28 de abril de 2021). Associo as anoréxicas, pois elas sofrem de uma disforia, elas se acham muito gordas. O corpo não é jamais o que deve ser na aceitação do sujeito a respeito da atribuição (é assim que se fala hoje) no nascimento, ou seja, o registro no nascimento, ou no momento da retomada do espelho, no momento da puberdade, pela anoréxica.

Na base disso tudo, está um desejo de inversão do que pode ser tomado como norma e a recusa do assujeitamento ao significante. E sabemos que as anoréxicas, naquilo que posso chamar de seu processo de “abstração”, abandonam o *logos* em um sacrifício em que a vida bascula a morte. As minorias e sua visão vitimista são hoje, como sabemos, objeto de uma atenção entusiasta pela mídia. Aqueles que estão na puberdade, em um momento de interrogação acerca do seu ser, não cessam de nos enviar demandas de libertação em uma nova linguagem, uma nova versão do seu ser desanexada da geração precedente. Eles são muito afeiçoados à novidade, por ter suas próprias informações, sua própria imagem. A questão, para nós, é saber como fisgar os novos significantes para esses jovens influenciados pelos discursos sociais e sua aspiração, na adolescência, de libertação, e de tentar escutar, por meio das palavras, os significantes que podem circular, os pontos de estrutura e sobre o que os

pacientes podem se apoiar para sustentar as novas construções subjetivas e fazê-los sair de seus impasses: falemos, então, com Louis Sciara.

Trata-se também, às vezes, de derrubar a virulência de certas paixões políticas, de um desafio libertário mensurando o que o moveria, ou seja, a intolerância à ordem fálica que o sufoca. A ideia, hoje retomada pelo termo consentimento, não deixa de ter interesse, para mim, por manejar certas recusas modernas de assujeitamento. Trata-se também, para alguns e para algumas, disso que retoma a americana Anne Fausto Sterling, de abolir toda fronteira entre o gênero e o sexo (pois ainda há hesitações!), o que permitiria inventar uma nova representação da sexualidade humana fundada sobre a infinita variedade de posturas imaginárias, em uma intersexualidade fluida e mutável, fabricando um contínuo.

É, de todo modo, o que certos clínicos que se apoiam no DSM tentam propor: um elo contínuo entre a autodeterminação da criança e a transição, culminando na fabricação de uma nova filiação, mais maleável, ou uma nova raça (termo lançado por Judith Butler, que pode nos provocar arrepios!). E isso segundo um protocolo que tem, como ponto de partida, a anulação da palavra e de todo equívoco. Em uma mesma volta ou reviravolta, ele poderá se des-transicionar: por que não? Os danos colaterais são um detalhe. E, além do mais, está errado, não nos desembaraçamos assim do binário, sobretudo quando nos apoiamos apenas em identidades imaginárias: o T de LGBT pôde colocar logicamente a questão: pois se há alguém que crê, eu diria, ferozmente, na binariedade é bem o transexual, o que pode levar a pensar que ninguém pode escapar do significante e da díade homem/mulher da linguagem.

Eis por que os LGBT preferiram, por uma astúcia semântica da qual podemos medir a amplitude, substituí-lo pelo conceito de transgênero. Que quer dizer o quê? Em transição para o quê? Para um gênero desconhecido e não determinado *a priori*, o que quer dizer transição sem fim ou gozo sempre protelado, já que destinado a uma insatisfação permanente: é, sobretudo, de modo perfeitamente evidente a denegação de uma realidade que faz que a transexualidade se passe entre a díade dos corpos masculinos e femininos. Mas existe transição? Essa é uma questão, é claro. Do ponto de vista do real, sabemos que as células são sexuadas. Sobre qual imaginário uma transição pode se fundar e se realizar? É um longo debate que não posso adiantar hoje.

Os belgas, que estão adiantados e prevenidos, querem transformar a lei a fim de que os vaivéns sejam possíveis, para que as pessoas que demandam uma transição possam escolher verdadeiramente seu “destino”. São destinos absolutamente escolhidos por essas pessoas. É preciso ler, a respeito disso, o livro de Preciado, *Je suis un monstre qui vous parle* [Eu sou um

monstro que lhes fala]: ele escreve que se encontra “bunda acima da cabeça”. Essa palavra me tocou muito. Sabemos que é preciso levar em conta também o pós-transição, resta conhecer os efeitos a longo prazo. É preciso ainda fazer aqui uma distinção entre a ideia do sexo neutro, outra forma de utopia surgida dos textos de Roland Barthes, e a ideia de um possível grau zero de qualquer coisa. É também uma ideia que vai fazer sucesso a ponto de ver aparecer possíveis demandas sociais sobre a neutralidade original do sexo para a criança, antes que ela possa alcançar uma escolha por autodeterminação! Mas vocês conhecem pais que possam esperar uma criança neutra? Nem um nem outro, duplamente negado?

O que podemos concluir então sobre essa binariedade? Eu responderia “é aquele que diz que é”, que creio haver desfiado, ao longo do texto, nessas identificações imaginárias e na paranoia do espelho. Há, por trás de tudo isso, um problema de cálculo, é claro: o dois é um problema de cálculo. Podemos escrever o dois se não há o três? Para fazer o dois é preciso certeza de que haja o Um e que passemos por três para fazer o dois. É isso que nos diz Lacan em *RSI*: somos dois, mas em relação a um terceiro, e é isso que dá o saber sobre o sexo. E eu lhes diria que há também um problema de cálculo nas dismorfofobias, não o bom corpo, não a boa forma, em todo caso, nas anoréxicas.

Um problema de cálculo está sempre por trás disso que pode aparecer como mentiras incessantes. Para Freud, assim como para Lacan, não existe no inconsciente uma harmonia prévia do homem e da mulher: é essa discordância que constitui o inconsciente. Nossos acusadores sabem disso muito bem, é por isso que eles são cada vez mais violentos, a ponto de excluir os psiquiatras de crianças da sua consulta. A denegação e o ativismo militante seguramente impeliram esses teóricos a querer abandonar o *logos* e a dissimetria das posições sexuadas que Lacan formalizou nas fórmulas da sexuação em dois espaços, um aberto e outro fechado. O propósito deles era conseguir fazer o Um, pois o dois não podiam, e isso, além do mais, não foi buscado.

Ficariamos muito surpresos de ver que a questão do amor, que é uma solução para as mulheres em sua identificação, mesmo se lhe reconhecemos hoje o gozo fálico, é muito ausente nesses teóricos. Somente Lacan falou do eros homossexual: elas não falam, que eu saiba. Portanto se trataria de fazer do Um onipotente na ejeção de toda alteridade, que seria necessariamente dissimétrica. Esse é o novo mundo que Jean Pierre Lebrun nos anuncia? É certo que o comunitarismo não constitui sociedade. A ideia de um coletivo está excluída dos gêneros. Ao se apresentar como um agregado de individualidades agrupadas em torno de interesses pessoais ou por uma comunidade de gozo, ele dissolve o laço social por

fragmentação e exclusão, o que, em razão de seu histórico próprio, marcado pela adição das minorias, aparece de maneira flagrante nos EUA.

Isso pode ser encontrado da mesma forma na França, na ideia de renovar as ideologias e de se emancipar de normas repressivas, aquelas dos estereótipos, por exemplo, e faz as vezes de luta de classes que seria, como notava Karl Marx, um traço muito francês, ali onde ela se revelaria na sua mais perfeita expressão? Nossa sociedade, que preconiza a abolição da autoridade e das disparidades de lugares, pressiona por uma saída do *logos*. Eu demonstrei que as mulheres são levadas a isso facilmente. A dismorfofobia é, penso eu, o retorno sintomático de um corpo que não pode se “corpsificar” sem Nome-do-Pai. O sacrifício do sexo na positividade da imaginarização atual do sintoma que invadiu o social é a sua demanda, que vai se redobrar num sacrifício cirúrgico.

Petite fille é um sintoma, como observava Jean Pierre Lebrun, que impulsiona também os praticantes a excessos que começam a retornar a eles pela via da Justiça (Processo Keira Bell na Inglaterra). Podemos imaginar seres humanos que não seriam tocados pela linguagem, pela identificação sexual e um espelho não marcado pelo ideal do eu: será esse o futuro ou este é um momento americano de uma civilização animada pelo performativo e pelo comportamentalismo generalizado?

Tradução: *Marcus do Rio Teixeira*

Revisão ortográfica e da tradução: *Solange Mendes da Fonsêca*

Referências Bibliográficas:

BERGER, Anne Emmanuelle, *Le grande théâtre du genre: identités, sexualités et féminisme en “Amérique”* Paris: Belin, 2013.

BRAUNSTEIN, Jean-François. *La philosophie devenue folle: le genre, l’animal, la mort*. Paris: Grasset, 2018.

CUSSET, François. *French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze & Cie. et les mutations de la vie intellectuelle aus États-Unis*. Paris: La Découverte, 2003

MARTY Eric. *Le sexe des modernes: pensée du Neutre et théorie du genre*. Paris: Seuil, 2021.

MELMAN, Charles. *Les quatre composantes de l’identité*. Conférence prononcée le 27 octobre 1990 à l’Hôpital Bicêtre, dans le service du professeur Féline. *Bulletin de l’Association Freudienne*, Paris, J. Clims, n. 43, p. 9-23, juin 1991. Disponível em: http://www.freud-lacan.com/arto9icles/article.php?url_article=cmelman271005.

PETITE Fille [documentaire]. Dir.: Sébastien Lifshitz. Film: domaine public. France, 2020.

PRECIADO, Paul B. *Je suis un monstre qui vous parle*: rapport pour une académie de psychanalystes. Paris : Grasset, 2020.

RAYBAND, Alice. Anorexie, boulimie... La crise sanitaire provoque une hausse inquiétante des troubles alimentaires chez les jeunes adultes. *Le Monde [on line]*, 28 avril 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth, *Soi-même comme un roi* : essai sur les dérives identitaires. Paris : Seuil, 2021. [Também em *Ebook*]

WITTIG, Monique. *La pensée straight* [2001]. Paris: Amsterdam, 2018.